



Rubem Alves e a literatura infantil como ferramenta de promoção de pluralidade e tolerância religiosa

*Vanessa Meira*¹*

Resumo

O aprendizado da tolerância tem um papel essencial nas relações das crianças com o outro e especialmente em seu processo de inserção na sociedade. A tolerância é um facilitador na integração da criança com um grupo, e a primeira experiência significativa de interação com outro grupo diferente de sua família é a escola, ali ela experimentará o atrito de valores e pensamentos diversos. Rubem Alves acredita que através de contos e histórias pode-se construir com a criança grandes reflexões que se tornarão alicerces para uma educação da sensibilidade. Rubem Alves também convida professores e professoras a uma transformação a fim de despertar a sensibilidade em seus alunos, e alerta para a necessidade do(a) professor(a) ir além do ensino abstrato das disciplinas e se transformar num “mestre de prazeres”, despertando o aluno para o bem-estar do outro, por meio do respeito, da aceitação e do acolhimento. O objetivo desse artigo é, através de uma pesquisa bibliográfica, encontrar apoio em Rubem Alves para o uso da literatura infantil como ferramenta de construção de uma sociedade que promova a tolerância religiosa.

Palavras-chave: Teologia da criança; Tolerância religiosa; Alteridade

Introdução

O aprendizado da tolerância tem um papel essencial nas relações humanas, para as crianças, aprender sobre tolerância e respeito com o outro é compreender os mecanismos que envolvem seu processo de inserção num grupo específico e sua consciência como parte da sociedade.

Além de importante, a tolerância é um facilitador na integração da criança com o grupo, a flexibilidade e a compreensão da importância da diferença e da diversidade de pensamentos faz com que o sujeito se sinta parte do todo e faz com que pertencentes do mesmo grupo o vejam como parte também.

A primeira experiência infantil de interação significativa com um grupo diferente de sua família é a escola. Ali a criança experimentará o atrito de valores e pensamentos diversos. Rubem Alves acredita que através de contos e histórias pode-se ajudar a criança a construir grandes reflexões que se tornarão alicerces para uma educação da sensibilidade.

* Mestra em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo), doutoranda em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo), bolsista da CAPES, e-mail: <vanessarmeira@gmail.com>.



Segundo Alves (1995, p. 52), “os olhos sucumbem ante o poder da palavra”. Corso e Corso (2006, p. 303) concordam quando dizem que:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados consertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave e fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares.

As narrativas, pequenos contos ou histórias clássicas, trazem uma riqueza inestimável que ajuda a produzir grandes reflexões e a desenvolver uma mente mais disposta a criar novas soluções para os impasses da vida. Corso e Corso (2006, p. 397) ponderam que uma mente enriquecida com diferentes narrativas faz com que “sejamos flexíveis emocionalmente, capazes de reagir adequadamente a situações difíceis”.

Rubem Alves também convida professores e professoras a uma transformação afim de despertar a sensibilidade em seus alunos, e alerta para a necessidade do(a) professor(a) ir além do ensino abstrato das disciplinas e se transformar num “mestre de prazeres”, despertando o aluno para o bem-estar do outro, por meio do respeito, da aceitação e do acolhimento.

O transbordamento das narrativas dentro da prática educativa

Para Rubem Alves (1995, p. 13), a educação “é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois”, na interação, na troca, no convívio nesse “espaço artesanal” construído no encontro e na vivência. E sim, é denso, dependente de interpretações, permeado por subjetividade e carente de sensibilidade.

O trabalho do professor e da professora que pretende educar para a tolerância, precisa contar com recursos que façam brotar sementes adormecidas em seus alunos e alunas, recursos que continuem trabalhando depois que a aula acaba. As narrativas são assim. O contador de histórias se encontra na história narrada, e, assim, torna-se ponte para que outros e outras, por meio do seu conto, também se encontrem, e isso se dá para além das palavras.

Segundo Alves (2008, p. 11) a solidariedade é um pássaro que não pode ser engaiolado. Ela não pode ser *dita*. Pois está para além das palavras. A solidariedade pertence a uma classe de pássaros que só existem em voo. A solidariedade é o broto da



semente que ninguém plantou. A canção que ninguém tocou, mas ecoa, depois que a história acaba. É o pássaro que surge livre em seu voo e ninguém sabe de onde ele veio.

Para Rubem Alves, ao findar uma *estória* ou poema, algo surge. Sempre nasce algo quando a narrativa acaba. O autor cita Fernando Pessoa, dizendo que ele sabia que aquilo que o poeta quer comunicar não se encontra nas palavras que ele diz, “antes, aparece nos espaços vazios que se abrem entre elas, as palavras. Nesse espaço vazio se ouve uma música. Mas essa música – de onde vem se não foi o poeta que a tocou?” (ALVES, 2008, p. 12).

A canção que toca ao findar de uma narrativa ou poema, é justamente o brotar de uma reflexão. E não sabemos quais as cores das flores que brotarão. De cada sujeito e de cada reflexão nascem as mais variadas flores e frutos. E a reflexão transborda, especialmente quando falamos em empatia, solidariedade, alteridade, como o próprio Alves (2008, p. 12) explica: “a solidariedade acontece como um simples transbordamento: as fontes transbordam... Da mesma forma como o poema é um transbordamento da alma do poeta e a canção, um transbordamento da alma do compositor”.

Narrar um acontecido, uma história antiga, um conto de fadas ou ainda ler um poema, transforma o professor num educador que habita “um mundo em que a interioridade faz diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos” (ALVES, 1995, p. 15). Quando o(a) educador(a) se abre para ser ponte entre os mundos possíveis e impossíveis, vislumbra o mundo interior dos seus alunos e alunas, sente o chão que estão pisando e então começa a revolver a terra, adubar e a semear a semente. Contar histórias é trabalhar com as palavras, usá-las como ferramentas de transformação:

As pessoas trabalhavam com as palavras da mesma forma como o pintor trabalha as tintas, o seleiro trabalha o couro, o pedreiro trabalha os tijolos. Palavras são coisas. A estória, um objeto concreto que se insere no mundo e convida à admiração de todos (ALVES, 1995, p. 57).

Por meio dessa admiração, podem professoras e professores ser “capazes de tecer uma teia de sentido em torno das crianças, e ao mesmo tempo deixá-la incompleta para que estas continuem a tarefa de produzir o romance familiar apropriado a suas pequenas vidas” (KEHL, 2006, p. 19).



Algumas estórias para pequenos e grandes

Mario e Diana Corso (2006, p. 300) dizem que “sempre, no princípio de tudo há uma voz”, segundo eles, “um filho tem que ser narrado; para existir, seu corpo precisa ser de alguma forma descrito, apresentado ao próprio dono”, e, assim, a criança, por meio da palavra vai se apropriando de si mesmo. É interessante essa importância da palavra na apropriação do próprio sujeito. Corso e Corso (2006, p. 300) explicam que “existe uma narração primária, própria da função materna, em que a mãe traduz os fatos fisiológicos e ambientais para seu bebê, nomeia, interpreta seus humores. Isso pede uma mãe suficientemente narradora”, que ajude aquele pequeno sujeito a nomear as sensações, a compreender o mundo circundante. E a mãe ou um cuidador ou cuidadora precisa “incumbir-se das palavras que vão ser as fundações, os pilares sobre os quais o bebê irá se montar” (CORSO; CORSO, 2006, p. 300).

Rubem Alves concorda. O bebê não precisa apenas saber que existe, não é suficiente apenas estar alimentado, é necessário mais. Precisa saber que o “corpo é coisa encantada que precisa mais que comida e bebida para viver. Ele precisa de palavras. Porque é nelas que mora a esperança” (ALVES, 1986, p. 53).

Rubem Alves amava estórias porque “elas dizem com poucas palavras aquilo que as análises dizem de forma complicada” (ALVES, 1986, p. 11). Ele também amava a lógica infantil e a infância, talvez por isso tenha dedicado um tempo precioso escrevendo histórias infantis. Foram muitas e por isso não contemplaremos todas aqui, apenas algumas que fortalecem a ideia de que Rubem Alves pensava numa educação da sensibilidade.

Este artigo avaliará a estória *A dor da sementinha*. É uma narrativa extremamente delicada e profunda, que faz com que pequenos e grandes reflitam sobre o ciclo da vida, as fases pelas quais passamos, e a certeza de que, a cada nova fase nascida, a antiga precisa morrer.

A dor da Sementinha e o medo de crescer

Rubem Alves (1987, p. 6) abre essa estória desfazendo um engano comum: “o mundo das crianças não é tão risonho quanto se pensa”. A ideia de que a criança vive num mundo feliz e colorido, sem preocupações, dores e medos, é a visão dos mais velhos sufocados pela pressão da vida adulta, esquecidos de que na infância “há medos confusos,



difusos, experiências das perdas, bichos, coisas, pessoas que vão e não voltam” (ALVES, 1987, p. 5).

As narrativas de Rubem Alves permitem que adultos elaborem dores adormecidas, pois tratam de temas profundos, momentos vividos a tanto tempo, em tempos de transição, quando o vento soprou forte e num piscar de olhos, o sujeito teve que esquecer a vida de *sementinha* para assumir uma vida de *árvore*. Para as crianças essa história pode trazer muitas interpretações grandiosas sem perder a leveza de uma história. Alves faz isso usando símbolos para construir sua reflexão, para ele “é sempre mais fácil falar sobre si mesmo fazendo de conta que se está falando sobre flores, sapos, elefantes, patos...” (ALVES, 1987, p. 5).

A ideia inicial de Rubem Alves com essa narrativa, provavelmente era trabalhar o conceito de morte. Ele deixa essa intenção clara no início:

Da morte nada sabemos. Só sabemos as estórias contadas do lado de cá, palavras que sobre ela colocamos, a fim de torná-la uma presença menos ameaçadora. Com o símbolo da semente tentei criar imagens nas quais a vida e a morte aparecessem como amigas, pulsações de um grande mistério... Qual a vantagem de falar sobre isto? É simples. Quem não fala sobre a morte acaba por se esquecer da vida. Morre antes, sem perceber... (ALVES, 1987, p. 7).

A estória conta a surpresa de uma *sementinha* que, vivia tranquila dentro de sua *árvore/mãe* e não conhecia nada do mundo de fora. E, num dia, tudo muda quando ela percebe que por uma rachadura entra luz, e seu mundinho, que antes era escuro e quentinho, conhece luz. Porém, ao sair de sua *mãe/árvore* ela conhece a beleza do mundo, a grandeza da *mãe* que ela só conhecia por dentro, sol, passarinhos, borboletas, abelhas. Após se encantar com o mundo, amar sua *mãe* ainda mais, ela recebe a notícia que a vida continuaria mudando. A notícia veio por meio de sua *mãe/árvore*:

Sementinha, dentro de pouco tempo o vento vai soprar mais forte. Quando isto acontecer, você vai partir para longe, numa longa viagem, voando, flutuando, como se fosse um floquinho de algodão. Vê esta penugem fofa, branca e leve que a envolve? É para isto: para que você fique leve e possa voar, nas costas do vento. (...) É preciso partir, para continuar a viver. *Sementinha* que não parte acaba morrendo (ALVES, 1987, p. 14-15).

A *sementinha* precisava partir, permitir ser abraçada pela terra para então, renascer como um broto e logo seria uma grande *árvore*, como sua *mãe*. E o ciclo recomeçaria por meio dela.

Essa história pode perfeitamente ilustrar o ciclo da vida, maternidade e paternidade, amadurecimento e uma reflexão importante: os pais já foram *sementinhas*, já foram crianças, já sofreram as dores e os *medos confusos* da vida infantil. A criança pode olhar



com carinho para os pais, compreendendo que aquele mundo nada mais é, do que uma variante do seu próprio universo. Se queremos que a criança olhe com empatia e compreensão para o próximo, é importante começar com quem está bem próximo. Pode-se encontrar, por ocasião da leitura dessa história, um ponto de tangência entre os dois mundos: infantil e adulto, apesar da certeza da existência de um outro universo localizado exatamente entre os dois, nomeado de adolescência. Sobre a história de Peter Pan, Corso e Corso (2006, p. 230) comentam:

O autor lembra que abandonar a infância implica uma *perda de identidade*. É como se tivéssemos emigrado e, para habitar uma nova terra, tivéssemos de aceitar esquecer tudo sobre língua, costumes, cheiros e sabores de nossa terra natal. Acessar a idade adulta cobra o preço da *amnésia da infância*. Esquecemos de como procedíamos em relação às fantasias, do modo infantil de compreender o mundo, da língua que falávamos, como se isso tudo nunca tivesse sido nosso. (ênfase acrescentada)

O medo de abandonar tudo o que conhece e ama, e a insegurança de se descobrir adulta, aprender um *novo idioma*, novas rotinas, responsabilidades e a ansiedade e insegurança, são alguns sentimentos experimentados por *sementinhas* em processo de maturação e que se repetem a cada geração.

O amor da sementinha por sua mãe, a ternura e angústia da separação, é uma realidade muito presente na vida da criança. A leitura de trechos como o que a sementinha chorou ensina que partir é muito triste. A velha árvore chorou também (ALVES, 1987, p. 15). Isso mostra para a criança que a dor dela é também a dor de sua cuidadora. O seu processo de maturação assusta também a sua *velha árvore* justamente pelo que se deixa para trás quando se caminha rumo ao amadurecimento, “afinal de contas, não se chega à maturidade sem perdas” (CORSO; CORSO, 2006, p. 68).

Então, a pequenina sementinha reflete e chega à conclusão que “ser pai (e mãe) às vezes é suportar segurar o leme, mesmo não sabendo bem para onde se vai” (CORSO; CORSO, 2006, p. 238), e se lança no forte vento, que a leva voando, leve, até que poussa e recebe o abraço da terra. Então começa sua jornada de brotar, crescer e finalmente reproduzir-se. Essa pequena estória pode gerar coragem, abrandar ansiedades e principalmente, fazer nascer empatia e reflexões sobre a existência.

A Pipa e a Flor: alegrando-se com a alegria do outro

Em *A Pipa e a Flor*, Rubem Alves evidencia a importância de se educar os afetos das crianças. Alves, nessa incrível estória sem final definido, trabalha sentimentos como



inveja e ciúmes com a leveza de uma pipa solta ao sabor do vento mas com a profundidade das raízes de uma velha árvore.

Ciúme e inveja são assuntos recorrentes nas histórias clássicas, são sentimentos que, desde a mais tenra idade, aprendemos que são feios, reprováveis e que habitam apenas o coração das bruxas malvadas e madrastas más. Porém, Rubem Alves mostra que a inveja e o ciúme também podem nascer no coração de uma Florzinha, que é alvo de amor e dedicação.

A narrativa começa falando da alegria de um menino que acabara de construir sua pipa. A pipa foi feita para ser feliz, no momento da sua criação o garoto “fez nela uma cara risonha, colando tiras de papel de seda vermelho: dois olhos, um nariz, uma boca” (ALVES, 2018, p. 9).

Ele segue narrando as peraltices da pipa pelo ar, até que ela olha para baixo e vê uma flor. A pipa já tinha visto muitas outras flores “só que desta vez os seus olhos e os olhos da flor se encontraram, e ela sentiu uma coisa estranha. Não, não era a beleza da flor. Já vira outras, mais belas. Eram os olhos” (ALVES, 2018, p. 11).

Este é um dos trechos importantes da narrativa. Rubem Alves em muitos de seus textos fala da *educação do olhar*, de *ensinar a ver* e da importância do *enxergar além do que os olhos veem*, fala que embora já tenha lido muitos livros sobre psicologia da educação, sociologia da educação, filosofia da educação e didática, não conseguia se lembrar de qualquer referência à educação do olhar, ou à importância do olhar na educação, em qualquer um deles (ALVES, 2015, p. 35). O olhar e a forma de olhar são sempre objetos de grandes reflexões de Rubem Alves, ele costumava escrever que “observar é olhar devagarinho, sem pressa...” (ALVES, 2014, p. 34).

E neste ponto da narrativa Alves (2018, p. 11) diz que os olhos não são diferentes apenas nas cores e é a primeira lição da estória para as crianças:

Há olhos que agradam, acariciam a gente como se fossem mãos. Outros dão medo, ameaçam, acusam, quando a gente se percebe encarados por eles, dá um arrepio ruim pelo corpo. Tem também os olhos que colam, hipnotizam, enfeitam...

A criança instintivamente já sabe disso, mas finalmente alguém coloca em palavras, ajudando na compreensão de uma ideia que passava furtivamente pela mente infantil, quando em algum momento se sentiu ameaçada pelo simples olhar de outra pessoa. Saber



reconhecer olhares é algo que não consta no currículo escolar, mas aí estão a arte e as narrativas a serviço do desenvolvimento humano, a serviço da educação da sensibilidade.

Alves fala de olhos que enfeitiçam. E foi o que aconteceu com a Pipa, ela se enfeitiçou, se encantou pela Florzinha e “só queria uma coisa: fazer o que a Florzinha quisesse” (ALVES, 2018, p. 12). A criança vive esse sentimento na vida social, quem trabalha em escolas percebe isso facilmente. A criança faz uma amizade e ama tanto esse amigo ou amiga que quer ser como ele(a), ou quer ser como o(a) amigo(a) quer que ela seja. Corso e Corso (2006, p. 275) escreveram a respeito:

Normalmente, os dissabores da vida social infantil reverberam mais dolorosamente como lembranças, em memórias ocorridas num tempo posterior ao vivido. Por exemplo, se quando crianças sofremos o jugo de um amigo ou irmão autoritário, que se mostrava bastante sádico conosco, isso será muito ruim de viver, de fato, mas quando lembrarmos disso, depois de crescidos, compreenderemos o quanto éramos trouxas, nos revoltaremos pela incapacidade de reagir que tínhamos, adorariamos reencontrar a tal criança e ter a oportunidade de revidar.

Para os autores, no momento em que se vive essa pressão, de estar sob o jugo do outro, especialmente na infância, a dor não é tão grande quanto a lembrança de ter vivido tal situação de forma passiva.

O amor da Pipa pela Florzinha era tão grande que ela queria viver exatamente da forma que fizesse a Florzinha feliz. E então, começaram os problemas da Pipa. Pois, de início, a Florzinha gostava de ver a Pipa voando lá no alto, e a Pipa pensou que seria muito mais gostoso voar bem alto sabendo que havia alguém muito amado lhe esperando lá embaixo. “Mas a flor, aqui de baixo, percebeu que estava ficando triste. Não, não é que estivesse triste. Estava ficando com raiva. Que injustiça que a pipa pudesse voar tão alto e ela tivesse de ficar plantada no chão. *E teve inveja da pipa*” (ALVES, 2018, p. 15) E a narrativa continua contando a amargura da Florzinha e os pensamentos que lhe ocorriam, então “à inveja juntou-se o ciúme” (ALVES, 2018, p. 15).

No desabrochar da vida social da criança, ela alterna o papel de flor e de pipa. Ora quer monopolizar um(a) amigo(a), ora é oprimido por uma amizade sufocante. Em geral, o sujeito só percebe essa dinâmica na vida adulta. Mas uma história como essa pode ajudar a criança a compreender sentimentos como ciúme e inveja e encara-los como uma realidade para uma bruxa má ou para uma delicada flor.

A história continua e “a flor começou a ficar malvada. Ficava emburrada quando a pipa chegava. Exigia explicações de tudo” (ALVES, 2018, p. 16). Rubem Alves (2015, p.



200) também fala que “o inferno começa no olhar do outro que pede que eu preste contas” e a Florzinha “aos poucos foi encurtando a linha” (ALVES, 2018, p. 16) da Pipa, que já não podia mais voar e “sua boca foi ficando triste. E percebeu que não gostava tanto da Flor como no início” (ALVES, 2018, p. 17). Então, Alves deixa claro que essa estória não é apenas a de uma pipa e de uma flor. Ele diz que “esta história não terminou. Está acontecendo bem agora, em algum lugar...” (ALVES, 2018, p. 17). Esta frase cria um elo com o(a) ouvinte/leitor(a), neste momento ele(a) pode refletir se é flor ou pipa, se tem encurtado a linha de quem se relaciona com ele(a), ou se anda tendo sua linha encurtada.

Rubem Alves propõe três finais. No primeiro, a pipa ficaria tão triste que resolve nunca mais voar e fica então “amarrada junto à flor, mas mais longe dela do que nunca, porque seu coração estava em seus sonhos de voos e nos risos de outros tempos” (ALVES, 2018, p. 18). O segundo final sugere que a florzinha seja uma borboleta enfeitiçada por alguma bruxa má, condenada a ficar fincada no chão e que “um dia vendo a pipa voar, ela se esqueceu de si mesma por um instante e ficou feliz em ver a alegria da pipa” (ALVES, 2018, p. 20) quebrando o feitiço, então borboleta e pipa brincariam juntas no céu. O terceiro e último final sugere a fuga da pipa para procurar outra “mão que ficasse feliz vendo-a voar nas alturas” (ALVES, 2018, p. 22). Assim, o ouvinte/leitor pode escolher um final para a história do livro e para a sua própria experiência de flor/pipa.

Essa estória tem simbolismos importantes, trabalha sentimentos pouco explorados para as crianças e propõe um grande exercício de alteridade. O fato da flor e da pipa pertencerem a mundos diferentes aumenta a riqueza da narrativa e Rubem Alves gosta de mostrar amizades improváveis, como em *A Operação de Lili*, que mostra a amizade entre um sapo e um elefante. Embora o foco da narrativa não seja a amizade de Lili e Gregório, esta também é uma estória que mostra respeito e carinho entre diferentes. Alves (1987a, p. 9) revela nesse pequeno conto o que une duas pessoas em amizade:

Lili era uma menina. Gregório um menino. Lili tinha tromba, orelhas e rabo, Gregório não tinha nada disto, só aqueles olhos grandes... Lili era uma elefantinha. Gregório era um sapo. Mas eram muito amigos porque os dois adoravam brincar na lagoa.

Para o autor, muitas vezes o que une duas pessoas num relacionamento de amizade são gostos em comum. Lili e Gregório gostavam da mesma coisa e a diferença entre eles passou a não importar. Na narrativa da pipa e da flor, caso escolha este final, a criança



pode perceber que no momento em que a alegria do outro é o objetivo, o feitiço da inveja e do ciúme é desfeito e ambos podem brincar juntos, felizes para sempre.

Esses princípios são facilmente aplicáveis à questão da tolerância religiosa. Crianças podem, desde cedo, ser ensinadas a perceber pontos em comum em sistemas de crenças e práticas bem diferentes. Além disso, o desenvolvimento de um olhar mais sensível a ajudará a alegrar-se com a diferente devoção religiosa do outro.

Como nasceu a alegria: percebendo e respeitando as diferenças

Na introdução dessa estória, Alves deixa claro que quer trabalhar a “dor da diferença” (ALVES, 1987b, p. 7). Aceitar a si próprio, com suas fraquezas, qualidades, limitações e talentos, ajuda muito na aceitação do outro. Ao se perceber diferente, a busca da criança por aceitação toma tantos caminhos, alguns dolorosos, outros de indiferença, e, por fim, a criança se sente excluída, segregada e diminuída. O contato com colegas deveria desenvolver competências necessárias para a sociabilidade e intimidade, promover e intensificar as relações sociais e fazer com que adquiram um sentimento de pertença (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2001, p. 484). Mas sabemos que nem sempre as relações sociais entre crianças são simples. Essa estória “lida com algo que dói muito: não é a diferença, em si mesma, mas o ar de espanto que a criança percebe nos olhos dos outros” (ALVES, 1987b, p. 7).

Alves reitera que o ideal não seria a nivelção ou a mudança da diferença, mas sim a forma de olhar o diferente. As crianças precisam entender que a diferença é natural, as pessoas não são iguais, e independentemente do quão diferente uma criança seja, ela tem a necessidade de pertença, ela quer sentir-se parte e o acolhimento é o melhor caminho nesse sentido. Esta narrativa é uma grande oportunidade para a criança começar a entender a empatia como uma habilidade que permite às pessoas compreenderem umas às outras, sentir-se e perceber-se como o outro, como se estivessem vivenciando as experiências do outro.

Pais também precisam desenvolver essa habilidade. Quando nasce uma criança, inevitavelmente os pais depositam nela suas expectativas e sonhos. E ao perceber que seu bebê talvez não corresponda em nada às suas expectativas e investimento narcísico por ter nascido com alguma limitação física ou pelo risco de ter o desenvolvimento intelectual



comprometido, os pais vivenciam um luto. Começa, então, um processo de aceitação daquela criança inesperada.

A estória de Alves se passa num jardim maravilhoso onde anjos e elefantes acordavam cedo, ao som do galo, para regar as plantinhas e flores (ALVES, 1987b, p. 9). O jardim era cheio de flores, e Alves escolhe as flores para representar personagens secundários marcantes. Ele continua a estória dizendo que “todas (as flores) eram lindas. Mas, infelizmente, todas elas eram igualmente vaidosas e cada uma pensava ser a mais bela” (ALVES, 1987b, p. 10).

O autor já prepara o ouvinte/leitor para lidar com o orgulho humano, presunção e a vaidade, e complementa que, “por causa da vaidade, nenhuma delas ouvia o que as outras diziam e nem percebiam que todas eram igualmente belas” (ALVES, 1987b, p. 10). E assim acontece também com as pessoas, quando, por causa da intolerância religiosa, não se ouvem, não se entendem, não se contemplam e não percebem a beleza do outro. As flores da estória “ficavam sem resposta. E eram, assim, belas e infelizes” (ALVES, 1987b, p. 10).

A personagem principal também é uma flor, Alves a chama de *florinha*, ela “deveria ser igualmente bela e infeliz” (ALVES, 1987b, p. 11). Porém, ela “cortou uma de suas pétalas num espinho, ao nascer. A florinha nem ligou e vivia muito feliz com sua pétala partida. Ela não doía. Era uma pétala macia. Era amiga”. A flor que nasceu neste jardim, cercado de flores belas, vaidosas e egoístas, nasceu diferente. E não apenas por ter uma de suas pétalas cortadas, mas por ter sido ensinada a amar suas pétalas, incluindo a pétala que a tornava diferente. E por olhar para si mesma com encanto e amor, a flor amava tudo ao redor também.

Falando a respeito dos bebês, Alves diz que “é só mais tarde que seus olhos se abrem e descobrem o mundo. Aí, tudo é assombro, espanto, encantamento, fantástico, maravilhoso” (ALVES, 2015, p. 34). Tudo isso encantava a florinha, até que ela se deu conta dos olhares das outras flores.

Falando de crianças em processo de inclusão escolar Klaus, Kennell e Klaus (2000, p. 152) deixam claro que “quanto mais visíveis os defeitos, mais imediata a preocupação e o constrangimento”, pois uma criança com alguma deficiência atrai olhares, e o processo de aceitação em todas as esferas acontece justamente quando se educa o olhar, aquilo que Rubem Alves chama de “olhos mansos” (ALVES, 1987b, p. 7). Alves também compara o



sofrimento de *florinha* com outro personagem moderno: o Patinho feio, que é “um dos primeiros heróis modernos escritos para crianças, e seu drama baseia-se num persistente sentimento de rejeição” (CORSO; CORSO, 2006, p. 33), porém, diferentemente da história clássica “diferença não é resolvida de forma triunfante, como na estória do Patinho Feio. O que muda não é a diferença. São os olhos...” (ALVES, 1987b, p. 7).

A dor de sentir os olhares das outras flores lhe *ferroando* fez com que a florinha conhecesse a indiferença e o desprezo. As respostas que se seguem são carregadas de dor e convidam o leitor/ouvinte a se colocar exatamente no lugar da florinha:

- Acho que é porque eu sou meio esquisita... a florinha respondeu.
E ela foi ficando triste, triste... Não por causa da sua pétala rachada, mas por causa dos olhos das outras flores.
- Já estou cansada de explicar. Eu nasci assim... Mas elas perguntam, perguntam, perguntam... (ALVES, 1987b, p. 12).

Algumas crianças conseguem se perceber imediatamente na dor da florinha, quando já tiveram que explicar inúmeras vezes alguma deformidade física ou porque está numa cadeira de rodas ou porque não enxerga, etc.

Está estória não é apenas sobre deficiências ou limitações físicas. É sobre diferenças, e a criança em diversas situações gostaria de ser igual as pessoas que a cerca, justamente pela necessidade de pertença. Uma criança de uma família que siga uma tradição religiosa minoritária pode passar por essa experiência. É importante uma família integrada, equilibrada e que a acolha, igualmente importante uma escola que promova o respeito, eduque a sensibilidade e que abrace na dor e na surpresa da descoberta das diferenças.

Florinha fez algo que nenhuma outra flor havia feito: chorou. E sua dor foi acolhida pela Terra. Uma árvore chorou junto, as nuvens choraram, os anjos choraram e Deus, cuja florinha era *imagem e semelhança*, também chorou. Alves conta que “sua dor foi tão grande que, devagarinho, como se fosse espinho, ela foi cortando uma de suas pétalas. E Deus ficou tal e qual a florinha” (ALVES, 1987b, p. 15). Esta também é uma parte importante da narrativa de Alves. Ele inclui a transcendência, mostra para a criança que Deus, independentemente de como a criança pensa Nele, sofre com ela, entende sua dor e se identifica com ela.

Longe de tocar na grande questão teológico filosófica da origem do mal, Alves apenas mostra para a criança que ela não está só em seu sofrimento e que “ainda que o



sentimento humano nem sempre possa conhecer os caminhos de sua execução, Deus tem projetos: o mundo não é um caos” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 135).

A florinha ficou espantada com tanta gente pranteando sua dor, ela “nunca pensou que fosse tão querida. E a sua tristeza foi virando, lá dentro, uma espécie de cócega no coração, e sua boca se entortou para cima, num riso gostoso...” (ALVES, 1987b, p. 17). Alves mostra pra criança o fruto da empatia, a alegria de se sentir parte e de saber que as pessoas se importam. A criança tem a oportunidade de refletir a respeito da importância do desenvolvimento dessa competência e a importância de consolar os que choram, podendo se colocar tanto no lugar da florinha quanto dos outros personagens que a acolheram.

Alves termina sua estória *sem o milagre da eliminação da diferença*, ele não transforma a florinha numa flor como as outras. A tolerância não é a eliminação da diferença. A flor segue diferente, mas a narrativa nos ensina que milagres também podem nascer da dor:

E foi então que aconteceu o milagre. As flores belas e infelizes não tinham perfume, porque nunca riam. Quando a florinha sorriu, pela primeira vez, o perfume bom da flor apareceu. O perfume é o sorriso da flor. E o perfume foi chamando bichos e mais bichos... Vieram as abelhas... Vieram os beija-flores... Vieram as borboletas... Vieram as crianças. Um a um, beijaram a única flor perfumada, a flor que sabia sorrir. E sentiram, pela primeira vez, que a florinha, lá dentro do seu sorriso, era doce, virava mel... (ALVES, 1987b, p. 18).

No final das contas, “a florinha não se esqueceu de sua pétala partida. Só que, deste dia em diante, ela não mais sofria ao olhar para ela, mas a agradava, como boa amiga”. Aceitação, acolhimento e o broto do autoconhecimento, são lições últimas da narrativa. Rubem Alves se esforça para mostrar ao leitor/ouvinte que todos nós podemos ser florinhas, que todos temos uma pétala rasgada, ou duas. E que sofremos por isso. Para que possamos abraçar o outro com sua pétala defeituosa, acolhê-lo em sua limitação, o sujeito precisa conhecer sua própria limitação e amar-se apesar dela.

Rubem Alves dá ao seu leitor/ouvinte oportunidade de ser pipa, flor, terra, pássaro, sapo... E, com essa leveza, tratar dores reais, compreender obstáculos reais que impedem que o sujeito tenha *olhos mansos* com o seu próximo.

Conclusão

A lista de estórias de Rubem Alves é extensa, bem como as lições extraídas de cada uma dessas narrativas. Neste trabalho podemos perceber a importância das narrativas infantis para as crianças, de se ler para elas e fazê-las vivenciar suas fantasias, bem como a



utilidade desse recurso para desenvolver na criança a tolerância religiosa. “Subestimamos a fantasia, sobretudo porque a julgamos acessória, ela não passaria de um escape, um desvio de rota do prumo da realidade” (CORSO; CORSO, 2006, p. 19), nos esquecemos o quão importante para as crianças o mundo dos sonhos e o faz de contas.

Mas, como adultos, “quando muito, admitimos que a fantasia serviria de consolo, nos ajudaria a suportar os fatos reais da vida, o que é certo, mas raramente acreditamos que ela nos constitui, nos molda e faz parte da arquitetura da nossa personalidade” (CORSO; CORSO, 2006, p. 19). Rubem Alves entendia a importância da fantasia como uma alternativa formativa para as crianças, por isso, resgatava suas reflexões infantis e dedicava tempo a fantasiar e a escrever o fruto de suas incursões no mundo da imaginação. Para ele, pais, mães e cuidadores podem semear a semente do prazer pela leitura:

Vejo, assim, a cena original: a mãe ou o pai, livro aberto, lendo para o filho... Essa experiência é o aperitivo que ficará para sempre guardado na memória afetiva da criança. Na ausência da mãe ou do pai, a criança olhará para o livro com desejo e inveja. Desejo, porque ela quer experimentar as delícias que estão contidas nas palavras. E inveja, porque ela gostaria de ter o saber do pai e da mãe: eles são aqueles que têm a chave que abre as portas daquele mundo maravilhoso! (ALVES, 2015, p. 42).

As narrativas abrem as portas para um mundo não apenas maravilhoso, mas um mundo onde elas podem escancarar seus medos, nomeá-los e vencê-los. As histórias têm o aspecto lúdico e significativo, mas “são muito mais do que isso, as crianças usam as histórias como sistemas para organizar sua vida e seus impasses” (CORSO; CORSO, 2006, p. 21).

Refletir por meio de narrativas preenche espaços vazios no interior do sujeito e mais, diminui a distância entre o sujeito e o outro, aumentando a capacidade de colocar-se no lugar do outro, sentir sua dor, sua alegria e a desenvolver *olhos mansos* e solidários. Rubem Alves sabia disso, para ele a solidariedade é um sentimento. “É esse o sentimento que nos torna mais humanos. É um sentimento estranho, que perturba nossos próprios sentimentos. A solidariedade me faz sentir sentimentos que não são meus, que são de um outro” (ALVES, 2008, p. 12).

E é justamente ao identificar-se com um personagem, que a criança dá início ao exercício de alteridade, de forma lúdica e extremamente significativa. Assim, diante do vasto jardim religioso, de diferentes cores e perfumes de crenças variadas, a criança percebe que há beleza, alegria e poesia na diferença.



Referências

- ALVES, Rubem. *A operação de Lili*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987 (1987a).
_____. *A Pipa e a Flor*. Americana: Adonis. 2018.
_____. *As melhores crônicas de Rubem Alves*, Campinas: Editora Papirus, 2008.
_____. *Como nasceu a alegria*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987 (1987b).
_____. *Conversas com quem gosta de ensinar: qualidade total na educação*. São Paulo: Ars Poetica, 1995.
_____. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1986.
_____. *O medo da Sementinha*. São Paulo: Paulus. 1987.
_____. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2015.
_____. *Vamos construir uma casa? Doze lições para a educação dos sentidos*. Campinas: Papirus, 2014.
- CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Falar de Deus: a partir do sofrimento do Inocente*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KEHL, Maria Rita. A criança e seus narradores. In: CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- KLAUS, K.; KENNEL, J.; KLAUS, P. *Vínculo*. Porto Alegre: Artmed. 2000.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill. 2001.